

## Marcas de gênero nas narrativas de mulheres cientistas no Continente Antártico: discriminações, preconceitos e violências

### RESUMO

Maria Rozana Rodrigues de Almeida  
E-mail: mrozana.almeida@gmail.com  
Universidade Federal do Rio Grande  
- Furg, Rio Grande, RS, Brasil.

Paula Regina Costa Ribeiro  
E-mail: pribeiro.furg@gmail.com  
Universidade Federal do Rio Grande  
- Furg, Rio Grande, RS, Brasil.

O propósito deste artigo é analisar as marcas culturais de gênero que permeiam as narrativas de mulheres cientistas que realizam suas pesquisas e estudos no Continente Antártico. O intuito é possibilitar a reflexão e o possível adensamento de ações relacionadas ao enfrentamento de situações que dificultam a inserção e/ou permanência de mulheres no meio científico. O estudo foi realizado a partir de entrevista semiestruturada, com oito pesquisadoras, as quais desenvolvem seus estudos no Continente Antártico. Por meio das narrativas, é possível observar situações vivenciadas pelas pesquisadoras que carregam consigo marcas de gênero, por conta de relações hierarquizadas de poder-saber, analisadas a partir das enunciações “Um olhar que invade, uma moeda de troca” e “Um espaço diferente, mesmas construções culturais”, as quais se constituem como diversas formas de violências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcas de Gênero. Violência de Gênero. Antártica. Ciência.

---

## INTRODUÇÃO

Há várias décadas, têm-se desenvolvido estudos sobre a participação e/ou invisibilidade das mulheres na ciência, por conta de estereótipos vinculados às feminilidades. De acordo com a historiadora Ana Colling (2014), nos discursos de filósofos, médicos, psiquiatras, padres e pedagogos foram, ao longo do tempo, desenvolvidos argumentos de inferioridade ao tratar das mulheres e se referirem às suas características físicas, biológicas e/ou psicológicas. Esses discursos, os quais vinculam inferioridade ao feminino e superioridade ao masculino, atravessaram os tempos e têm instituído definições de homem e de mulher, além de condicionarem o papel que é atribuído a cada um/a socialmente (COLLING, 2014). Isso gera diversas situações de violências de gênero. Assim, é a partir dessas constatações de diferenças e de invisibilidades que as discussões de gênero emergem nos diferentes espaços sociais.

Segundo Ana Maria Veiga e Joana Maria Pedro (2019), o gênero buscaria, ao longo do tempo, “dar conta das relações socialmente constituídas, que partem da contraposição e do questionamento dos convencionados gêneros feminino e masculino, suas variações e hierarquização social” (VEIGA; PEDRO, 2019, p. 330). Neste trabalho, empregaremos o conceito político de gênero, conforme apresentado por Veiga e Pedro, os quais defendem, que “gênero e poder estariam no centro da hierarquização social, determinando os papéis por eles questionados”, caracterizando-se como um conceito que “mais que qualquer fixidez, nos oferece instabilidade e fluidez, que melhor representam as relações sociais que atravessam o tempo e chegam à atualidade” (VEIGA; PEDRO, 2019, p. 331-332).

A discussão sobre as relações de gênero tem permeado diversos campos e perpassa desde os direitos reivindicados pelas mulheres até os discursos produzidos sobre as feminilidades e masculinidades, que produzem assimetrias de gênero, discriminações e violências, as quais permeiam as relações sociais. Na produção da ciência, esse cenário não é diferente, pois os discursos que partem de pressupostos básicos de objetividade e de neutralidade ligados às masculinidades buscam definir o lugar das mulheres e o que elas podem fazer, especialmente, em algumas áreas consideradas *hard science*, de acordo com o que tem sido apresentado pelos estudos da crítica feminista à ciência (BANDEIRA, 2008). Refletindo sobre a produção da ciência na contemporaneidade, Joanalira Magalhães, Benícia Silva, Paula Ribeiro e Fabiana Silva (2019) pontuam que “a ciência constituir-se-á pelas interações entre os diferentes pontos de vista de “sujeitos múltiplos” e não está fora do sujeito, mas localizada num tempo e num espaço determinados pelo gênero, etnia/raça, classe social, cultura.” (MAGALHÃES *et al.*, 2019, p. 109). Nesse sentido, entendemos a ciência como uma construção social de determinada sociedade e espaço, em meio a fatores políticos e econômicos, permeada por relações de saber-poder.

No campo da crítica feminista à ciência, há várias estudiosas feministas, a exemplo de Evelin Fox Keller (1991, 2006), Londa Schiebinger (2001, 2008), Donna Haraway (1995), Cecília Maria Sardenberg (2001, 2011), entre outras, as quais, a partir da inquietação devido a situações vivenciadas pelas mulheres na ciência, têm denunciado que determinados discursos, estabelecidos em diferentes épocas

e áreas, atravessam as relações sociais e tendem a legitimar-se também de diferentes formas, sobretudo, na construção das desigualdades e/ou discriminações, preconceitos. Esses mesmos discursos, por sua vez, desvelam determinados tipos de violências.

Nesse viés, interessou-nos analisar as marcas culturais de gênero que permeiam as narrativas de mulheres cientistas que realizam suas pesquisas e estudos no Continente Antártico. Consideramos que, durante muitos séculos, a ciência buscou comprovar e/ou estabelecer uma supremacia do homem, em particular, considerando o espaço do presente estudo, ou seja, o Continente Antártico. Consideramos que a forma como são vistos e (re)produzidos os corpos das mulheres, em um espaço majoritariamente masculinizado e isolado, como o Continente Antártico, assim como em outros espaços, pode acionar, no imaginário masculino, a propensão à prática de variadas formas de violência.

### **ALGUNS PRESSUPOSTOS**

Autoras como Evelin Fox Keller (1991, 2006), Londa Schiebinger (2001, 2008), Donna Haraway (1995), Cecília Maria Sardenberg (2001, 2011) e Maria Margareth Lopes (1998), consideram que não apenas a discriminação e/ou sub-representação das mulheres resultaram em uma ciência masculina, contudo, especialmente, o caráter androcêntrico que caracteriza os fundamentos da ciência moderna, tais como a objetividade e a neutralidade. Essas características são colocadas a partir de um viés masculino, ou seja, considerados atributos inerentes às masculinidades e, dessa forma, buscam desqualificar e inferiorizar a mulher como sujeito do conhecimento. Tais discursos se apoiam, especialmente, em diferenciações biológicas, religiosas, científicas e/ou culturais, as quais justificariam a inferioridade atribuída às mulheres.

Por conta dessa rede discursiva, as mulheres foram afastadas, impedidas ou invisibilizadas de atuarem em diversas áreas e, quando estão presentes nelas, vivenciam inúmeras situações que são narradas como “desconfortos”, no sentido de representarem marcas de discriminações. Nesse viés, os estudos da crítica feminista à ciência têm contribuído e avançado para aprofundar a discussão, buscando identificar o que pode ser considerado como uma das raízes do problema. De acordo com Cecília Maria Sardenberg (2001), a crítica feminista à ciência tem contribuído para além da denúncia da mera exclusão e/ou invisibilidade para o questionamento dos pressupostos básicos da ciência.

Faz-se importante refletirmos sobre quem são essas mulheres cientistas no Continente Antártico e quais as marcas de gênero, como discriminação, preconceito e violências, estão presentes em suas narrativas. Para Schiebinger, é fundamental pensar sobre como as relações de gênero atribuem estereótipos que marcam práticas e discursos das características e sentimentos atribuídos a homens e mulheres e como “a análise de gênero, quando voltada para as ciências, pode afetar profundamente o conhecimento humano” (SCHIEBINGER, 2008, p. 272). Nossa intenção, neste estudo, não é negar as diferenças, mas sim problematizar o quanto os discursos construídos culturalmente, em uma sociedade patriarcal, podem legitimar algumas experiências narradas pelas mulheres, ocasionando essas marcas de gênero.

---

Nesse cenário de assimetrias de gênero, buscamos, nesse artigo, refletir sobre as marcas culturais que permeiam as narrativas das pesquisadoras entrevistadas e que podem desvelar as violências reproduzidas contra as mulheres.

### APRESENTANDO QUESTÕES METODOLÓGICAS

Por meio das narrativas, é possível conhecer as diversas enunciações que as mulheres cientistas atribuem às suas experiências em suas relações familiares, profissionais, sociais, entre outras. Nesse sentido, as cientistas narram as suas diferentes experiências, a partir de suas vivências no Continente Antártico, considerando o lugar ocupado por elas enquanto pesquisadoras coordenadoras e pesquisadoras alunas. A produção dos dados narrativos da pesquisa deu-se por meio de entrevista semiestruturada com três coordenadoras de projetos no Continente Antártico e com cinco alunas de pós-graduação, em nível de mestrado ou de doutorado. As entrevistas foram gravadas e as entrevistadas assinaram o termo de consentimento, em que se estabeleceu que a identidade das entrevistadas seria preservada.

As pesquisadoras foram identificadas e apresentadas pela ordem das entrevistas, sendo designadas como PA1; PA2, PA3, PA4 e PA5, para pesquisadoras alunas, e PC1, PC2 e PC3 em se tratando das pesquisadoras coordenadoras de projetos. As áreas de formação das pesquisadoras são Oceanografia e Biologia, com pós-graduação na área de Ciências do Mar.

Dentre as pesquisadoras alunas, quatro são solteiras e uma tem companheiro, sem filhos; já no que se refere às pesquisadoras coordenadoras, as três são casadas, duas com filhos(as) e uma sem filhos(as). Essas últimas estão na faixa etária de cinquenta a sessenta anos, enquanto as pesquisadoras alunas da pós-graduação estão na faixa de vinte e cinco a trinta e cinco anos, sendo todas pesquisadoras brancas e cisgêneras. O aspecto da diferença geracional foi observado, tornando-se fundamental para as análises, já que ficaram visíveis as diferentes construções históricas e culturais que tocam cada uma dessas mulheres entrevistadas, a partir de suas experiências vivenciadas. Não foi nossa intenção desvelar “verdades”, porém tão somente refletir a respeito das redes discursivas que nos constituem sujeitos históricos e culturais. A interação com essas pesquisadoras, as quais fazem pesquisa no Continente Antártico, trouxe, para reflexão, a obra de Foucault denominada “A Ordem dos Discursos”, em que o autor afirma que, para os discursos, são impostas algumas regras:

Nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2014, p. 35).

O autor ainda destaca que o discurso acentua o vínculo entre as relações de forças e as relações de “verdade”. Essas “verdades”, segundo ele, seriam marcadas pela posição em que o sujeito que fala, por onde se encontra inserido e não existe fora do poder ou sem o poder. Desse modo, cada grupo, cada sociedade, terá a sua produção de “verdade” a partir de uma história (FOUCAULT, 2014). Ao

pesquisar as experiências dessas mulheres, com base em suas narrativas, percebemos que as diferenças geracionais foram preponderantes nas percepções das cientistas, já que as pesquisadoras mais jovens narraram suas experiências mais vinculadas às situações de discriminação, preconceitos e/ou violências. Acrescenta-se, ainda, as diferenças em relação à posição hierárquica ocupada por algumas pesquisadoras, no caso, as coordenadoras de projetos.

Com esse estudo, pretendemos contribuir para a discussão sobre a mulher na ciência, investigando as marcas de gênero, mesmo que, por vezes, não percebidas pelas cientistas, considerando os lugares de falas das pesquisadoras. É necessário mencionar que, nas análises das narrativas produzidas, estabeleceram-se aproximações com algumas ferramentas foucaultianas. Dessa forma, duas enunciações emergiram nas narrativas: “um olhar que invade, uma moeda de troca”, “um espaço diferente, mesmas construções culturais”, o que permitiu a discussão sobre as redes discursivas e as construções culturais que permeiam esse e outros espaços. A partir desse viés, destacamos que, para Foucault (2014), o discurso apresenta-se como um conjunto de enunciados. Além disso, conforme o autor, “não há, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre fazendo parte de uma série ou de um conjunto” (FOUCAULT, 2014, p. 114).

### **UM OLHAR QUE INVADE, “UMA MOEDA DE TROCA”**

Violência simbólica, violência moral, violência social, são alguns dos possíveis nomes atribuídos a situações vivenciadas por determinados grupos sociais, tais como discriminações e preconceitos, que se caracterizam como marcas de gênero e que, muitas vezes, passam, inclusive, pelo desconhecimento da vítima, por serem algo já muito enraizado e construído culturalmente em nossa sociedade.

Percebemos que, praticamente todas as pesquisadoras já sentiram ou souberam de alguém que passou por alguma situação “desconfortável” ou, até mesmo, uma certa “invasão” em função de ser/estar mulher nesse espaço, por conta de um olhar ou de uma atitude mais invasiva. Esses relatos misturam um pouco do que seria considerado violência de gênero, em forma de discriminação, privilégio, preconceitos ou “cuidados”, no sentido de aquele “corpo” não pertencer àquele espaço ou estar ali para cumprir uma outra função, que não só a de profissional. Nesse sentido, uma das pesquisadoras relatou que:

Não é uma perseguição, mas você sente que você ali, pode quase ser uma “moeda de troca”. O que é muito desconfortável, porque é invasivo, houve uma vez que foi um grupo conhecer e fomos apresentadas como as “nossas brasileiras, dançarinas”, não apresentou como pesquisadoras, não convidou para conhecer os laboratórios, e nós já havíamos visitado outra estação e nossa, completamente voltado para o que eles estavam fazendo ali, e essa situação foi super comentada, foi super falada. Ele chamou de dançarinas, porque em uma determinada situação de celebração, tinha um *karaokê*, que as meninas estavam cantando. Então, quando da visita de um chefe de uma outra estação, ele apresentou como as nossas dançarinas, e era uma chefe de um projeto de pesquisa, e muito te coloca de uma forma muito negativa. PA2

Nessa narrativa, a pesquisadora afirma ter vivenciado uma experiência em que ela e suas colegas foram apresentadas a visitantes como “nossas brasileiras dançarinas”, o que causou um clima constrangedor e desconfortável. Ela entendeu ser essa uma forma bastante negativa, pois foi desconsiderado seu “papel” de pesquisadoras, colocando-as como mulheres que estariam ali para distraí-los e não para fazer pesquisa. O “incidente diplomático”, por si só, já seria muito desagradável, mas se agravou pelo fato de uma dessas mulheres ser chefe de um projeto. Essa mesma pesquisadora, ainda, mencionou sobre os olhares e as atitudes que, em determinadas situações, faziam-nas sentirem-se como “moeda de troca”, porque a discriminação, algumas vezes, está caracterizada como “privilégios”. Quando questionada se haveria cuidados diferentes, ela declarou que:

Sim... por exemplo, uma solicitação de uma saída de campo, se é pedido por uma mulher de uma forma doce, eu acho que vai conseguir facilidades muito mais do que um homem, algumas facilidades que você precise, porque acaba que acontece muita coisa lá que precisa ser improvisada, que não estava prevista, a sua coleta não foi suficiente dentro do número de dias previsto, um espaço maior para um coletor em um freezer, então eu sabia de situações que era muito mais fácil uma mulher solicitar, do que um homem, porque isso seria considerado melhor. PA2

Podemos apreender que, mesmo nos espaços profissionais, os olhares para as mulheres são diferenciados, sendo muitas discriminações consideradas como “vantagens”.

Nas narrativas foi possível observar os aspectos geracionais e de hierarquia como fundamentais, uma vez que detectamos que as situações relatadas ocorriam mais frequentemente com as pesquisadoras alunas, lembrando que, de acordo com Foucault, o sujeito que fala carrega consigo marcas de redes discursivas históricas e culturais, marcadas pela posição em que está inserido (FOUCAULT, 2014). Um outro aspecto a ser considerado é que algumas pesquisadoras entrevistadas já chegam ao espaço de trabalho como coordenadoras de projetos, o que talvez possa ter reduzido algumas experiências consideradas mais invasivas, por conta das relações de poder estabelecidas. Essas pesquisadoras coordenadoras, ao refletirem sobre a ocorrência de discriminações e/ou preconceitos, com relação a elas, entendem que não ocorrem, pelo menos não com muita frequência. Ao mesmo tempo, reconhecem que, por conta de atributos biológicos, como força física das masculinidades, recebem um tratamento diferenciado, caracterizado como “cuidado”, como é evidenciado no excerto seguinte:

Discriminação diretamente não, ao contrário, o que eu vejo é que quando nós gurias ou mulheres, precisamos utilizar algum equipamento muito pesado, eles auxiliam muito mais que aos guris, óbvio, então tem essa diferença de tratamento que tanto os oficiais como os outros pesquisadores homens tendem a ajudar, sobretudo sobre a questão da força física, essa questão de achar que não somos capazes, tem muito pouco disso. Se tem, é muito velado, pra mim

---

não chegou e também nunca vi isso acontecer e o pessoal com quem sempre trabalhei nunca reclamou nesse sentido. PC2

Olha somente alguma coisa mais pesada, o que seria mesmo a questão de força física, porque você não estaria preparada nesse sentido. Então vão nos poupar e nesse sentido sim, o trabalho mais pesado, termina ficando mais para os homens. PC3

Outra questão a se pensar é o fato de que muitas pesquisadoras coordenadoras não se disponibilizaram a participar da pesquisa, não respondendo aos convites ou informando que estariam muito ocupadas, o que não lhes permitiria a participação no estudo. É interessante problematizar essa negação de participação, que poderia caracterizar-se como interdição do discurso, considerando que “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 2015, p. 110).

Não estar entre as entrevistadas pode ser da ordem de uma determinada produtividade tática e uma determinada conjuntura, já que, segundo argumenta Foucault, o silenciamento também está na ordem do discurso, “o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras” (FOUCAULT, 2015, p. 110), ou seja, nessa situação não vejo, não admito nem reflito sobre possíveis situações de preconceitos e/ou discriminações, assim me mantenho nesse lugar, talvez sem me enfraquecer, pois um dos discursos construídos, em uma sociedade meritocrática, é que reclamam de discriminações as pessoas que não têm competências para se estabelecer em determinados lugares. Em outra linha de pensamento, diferente das coordenadoras, a pesquisadora aluna narra uma experiência vivenciada referente a um determinado responsável pelo embarque, que se caracterizava, de acordo com os relatos, como alguém bastante desagradável, que gerava constrangimentos entre as pesquisadoras:

(...) e o responsável era bem desagradável, ficava pondo a mão, tocando na gente, puxando cabelo, eu era a única menina que estava no navio e eu sei que outras meninas em outras oportunidades tiveram problemas também. PA1

(...) o responsável pelo navio era alguém bem desagradável, gerava um constrangimento, inclusive com as coordenadoras de projetos. Aconteceram uma série de coisas bem desagradáveis nesse embarque. Eu fiquei sabendo que uma das coordenadoras fez uma reclamação formal. Eu achei as situações que ocorreram totalmente fora de tom. PA5

Nas narrativas anteriores, as pesquisadoras sofreram violência de gênero, por meio de atitudes por parte do responsável pelo embarque. Elas ainda destacaram que não foram as únicas, que, em outros momentos, essas situações já haviam ocorrido, segundo as narrativas das pesquisadoras alunas. Para Michelle Perrot (2019), data de longo tempo a certeza de que o corpo desejado das mulheres é também um “corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade”, sendo exercidas diversas formas de violências, variadas e repetitivas, contra ele. Conforme a autora, o que muda será o olhar lançado sobre os sujeitos

---

femininos e, em específico, o “limiar da tolerância da sociedade e das mulheres” (PERROT, 2019, p. 76). Nesse viés de não admissão e de não se calar, as pesquisadoras relataram que levaram as situações vivenciadas até as instâncias superiores:

Eu relatei o problema para a minha coorientadora, ela falou com o coordenador embarcado, eu estava bem constrangida de falar com ele também e ele falou que não poderia colocar no relatório, que era coisa minha, que eu deveria meio que relevar para evitar problemas. Eu relatei o problema para a coordenadora quando cheguei em terra e nada foi feito. Ela me disse que eu entrasse em contato com a coordenadora de Mar e Antártica na época, que eu conhecia pessoalmente e me disse, tenho certeza que ela irá acolher uma reclamação sua, e eu escrevi na época, relatando em detalhes o que ocorreu, ela me disse que iria tomar providências e no ano seguinte o responsável estava bem mudado, ele me tratou bem diferente e com um tratamento respeitoso, então eu acredito que devam ter sido repassadas essas reclamações, porque tentei não pular etapas, reclamar para o coordenador embarcado, para o coordenador do projeto, não tive respostas, então eu reclamei para a coordenadora de Mar e Antártica do Ministério e as providências foram tomadas em termos de marinha. PA1

Dentre as participantes do estudo, uma não chegou a levar a ocorrência até a última instância, mas as que levaram perceberam mudanças significativas em outros embarques, mencionando que a pessoa de que haviam se queixado estava com atitudes bastante diferentes, pois providências tinham sido tomadas por parte da coordenação<sup>1</sup> do Mar e Antártica do Ministério, juntamente com a Marinha. Contudo, uma das pesquisadoras alunas salientou o importante papel dos(as) coordenadores(as) e o necessário posicionamento, condenando, assim, um possível silenciamento, o qual contribuiria para a perpetuação dessas ocorrências. Importante refletir sobre a postura desse(a) coordenador(a), em função das relações de poder e hierarquia estabelecidas, as quais talvez “dificultem” a adoção de uma postura mais assertiva, no sentido de aceitar registrar, em relatórios, as ocorrências inadequadas.

É necessário pensar acerca das redes discursivas e das relações de poder que nos interpelam, as quais permitem ou contribuem para que ocorrências análogas se repitam ou se perpetuem. A pesquisadora aluna reportou, também, que: “atualmente as mulheres também estão menos tolerantes, no sentido de aguentarem alguma situação desconfortável, aceitar ou ficar calada” (PA3). Sabemos que, no contexto atual, as jovens, por meio das redes sociais, têm se organizado e apoiado as questões que envolvem situações de retrocessos, preconceitos, discriminações e violências vivenciadas pelas mulheres. Nesse sentido, conforme indica a autora Heloisa Buarque de Hollanda (2019), há uma explosão feminista com diversas marchas, protestos e campanhas nas redes sociais, contra retrocessos em legislação e aos direitos conquistados ao longo do tempo, reivindicando posicionamento da sociedade com um tom de indignação. Nesse sentido, a PA5 ressaltou:

---

Eu entendo que precisa ter um posicionamento dos coordenadores, para que situações desconfortáveis não ocorram. O silêncio ou a falta de apoio dos colegas quando acontece alguma coisa, ajuda que as situações se repitam. Existem pequenas ações diplomáticas que podem ser feitas. PA5

A quebra do silêncio e o posicionamento de coordenadores/as, nesse cenário de uma sociedade hierarquizada, são fundamentais para que essas experiências, segundo a pesquisadora, “totalmente fora de tom”, não se repitam. Questionadas se esse tipo de ocorrência prejudicaria ou não a permanência das pesquisadoras nesses espaços, uma das pesquisadoras declarou que sim e que conhecia outras mulheres que se sentiram incomodadas, dizendo ainda “eu tenho muitas amigas que não embarcam mais por problemas como esses” (PA5). Nesse contexto, é preciso ressaltar que as experiências das pesquisadoras coordenadoras são bastante diferentes. Essas reportaram perceber a questão da inferiorização mais atribuída à questão física, à tendência a se classificar a mulher como um ser “mais frágil”, mas também destacam o tratamento diferenciado aos/às coordenadores/as.

(...) existe um maior cuidado porque os responsáveis no navio estação consideram a mulher mais frágil, então existe uma certa proteção em relação às mulheres fazendo as diversas atividades, agora tem que se dizer, coordenadores e coordenadoras de projetos tem tratamento diferenciado das outras pessoas, não por serem homens ou mulheres, mas por serem coordenadores. PC1

Nesse depoimento, a pesquisadora coordenadora evidencia as relações de poder-saber estabelecidas nas relações sociais na Antártica, colocando, em um primeiro momento, os cuidados dispensados, em função dos atributos considerados inerentes às feminilidades, como um ser “mais frágil”, porém ressaltando tratamentos diferenciados para coordenadores/as.

Para além dos preconceitos, precisamos buscar compreender as relações de poder-saber que hierarquizam as relações sociais e que produzem marcas de gênero, fazendo com que coordenadores/as recebam tratamentos diferenciados e que situações vivenciadas pelas pesquisadoras alunas não ocorram da mesma forma. Isso remete à reflexão de Foucault quando teoriza que “as correlações de forças que se formam, atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto social” (FOUCAULT, 2015, p. 103). Assim, devemos pensar a respeito do quanto as redes discursivas, ao longo do tempo, impõem desigualdades, hierarquizam as relações sociais e geram situações de violências de gênero.

### **UM ESPAÇO DIFERENTE, MESMAS CONSTRUÇÕES CULTURAIS**

Sabemos que os episódios de discriminação, preconceitos e atitudes invasivas são considerados uma constante ao longo da vida das mulheres, porém o fato de estarem em um ambiente isolado, de acordo com as pesquisadoras, pode acentuar essa realidade. Uma das entrevistadas relatou viver isso no seu ambiente de trabalho, hoje em uma empresa na área ambiental no exterior, mas, no seu

---

entendimento, na Antártica isso potencializa. Ao ser questionada se já vivenciou discriminações em outros espaços, a PA2 reportou:

Eu observo em outros lugares sim, aqui no trabalho como eu estava te falando, nas saídas de campo, por exemplo, mas na Antártica isso é muito potencializado pelo isolamento que as pessoas estão ali, é só elas juntas e por muito tempo e pela quantidade de homens. Mas uma coisa que me chama a atenção, e isso acontece menos com os colegas pesquisadores do que com os outros homens. Tem um pouco da questão cultural. PA2

E outras participantes do estudo foram além ao afirmarem que esse tratamento diferenciado e esses outros olhares ocorrem também em outros países. Uma delas deixou claro que: “daí, às vezes, é bem claro que estão tratando diferente por ser mulher, e não só aqui. Em outros países também acontece” (PA4). Ao ser problematizada a questão da discriminação, a PA5, entende que “tem machismo de todo tipo, tem machismo intelectual, tem a questão, bem mas aí até em sala de aula acontece uma série de coisas” (PA5) e lembrou uma apresentação em sala de aula, na qual se sentiu bastante desconfortável, caracterizando o acontecimento como machismo intelectual.

Eu lembro de ter feito uma apresentação e as pessoas terem ficado meio surpresas, e eu achei aquilo meio um insulto, do tipo porque tu estás tão surpreso porque eu consegui repassar uma informação. Por que sou eu, não deveria, porque daí tem aquela coisa das pessoas quererem te cumprimentar, ah, que excelente apresentação! Mas fica um pouco demais, e daí tu começa a te questionar, o porquê isso está acontecendo, porque se fosse o meu colega, eles não iam parabenizar tanto assim, então é porque eles ficaram surpresos, que tu consegue fazer aquilo. PA5

Não são poucas as barreiras enfrentadas pelas pesquisadoras, já que a inferioridade atribuída às feminilidades tem como consequência, muitas vezes, a desqualificação, a redução da autoestima, um sentimento de insegurança, uma necessidade de mostrar capacidade o tempo todo, constituindo-se em diversas formas de violências. Nas narrativas que serão apresentadas a seguir, observamos a vinculação de louca e histérica, com o objetivo de desqualificar duas coordenadoras por serem consideradas mulheres fortes, em seu fazer científico, conforme narra PA5 sobre os comentários de colegas a respeito de duas pesquisadoras que estariam na mesma condição hierárquica.

Além disso, ela menciona a questão da tensão pré-menstrual, a qual sempre aparece vinculada à irritabilidade. Essa pesquisadora lembra de uma situação em que foi passado um “dossiê” no sentido de prevenção sobre possíveis problemas que poderiam se ter com outras duas coordenadoras que estariam presentes no embarque, as quais seriam consideradas pessoas “difíceis” no tratamento. A respeito disso, a pesquisadora narrou que:

(...) passaram um dossiê da mulher, e dos homens ninguém falou nada, estranho né, as duas únicas mulheres na posição de poder no navio, tu escutas um dossiê. E esse dossiê é repassado pelos homens,

---

elas não falaram umas das outras. Foram homens falando mal de mulheres, que eram as únicas que estavam em posição igual a deles naquele momento, então na minha opinião é sintomático, cada um escolhe ver o que quer. Homens são muito mais facilmente perdoados por coisas que fizeram errado, se é mulher que é mais exigente, já é considerada histérica, louca. PA5

Ana Colling (2014) afirma que, data de longo tempo o fato de que, no discurso médico/psiquiátrico, a mulher, a partir da sua sexualidade, é vista como um ser doente, suscetível a crises, por conta de paixões e romances. Nesse sentido, segundo a autora, a partir do final do século XVIII, a histeria passou a ser considerada uma doença do corpo feminino. A autora ainda sublinha que “um discurso negativo apresenta as mulheres como criaturas irracionais e ilógicas, desprovidas de espírito crítico, inconsequentes, histéricas”, sendo Evas e Dalilas, entre outras figuras, uma maneira de reforçar alguns estereótipos. E outro campo do discurso seria aquele que as apresenta como “morais, frágeis, dóceis, emotivas, sensíveis, incapazes de tomar decisão.” (COLLING, 2014, p. 45). A mulher, ao ter um comportamento mais forte, ou é desqualificada pelos próprios colegas, como apresentado na narrativa anterior, ou é vinculada ao biológico ou à ‘natureza sensível’, não sendo poucas as ‘brincadeiras’, direcionadas às mulheres, que dão a entender que estamos ‘sempre’ com tensão pré-menstrual.

Não é o objetivo, aqui, discutir a influência hormonal, mas sim os discursos construídos historicamente, que colocam a mulher como um ser sensível e de gestos “doces” e delicados, segundo podemos observar nos relatos a seguir:

Quando é uma menina que está estressada, sempre poderiam dar uma barra de chocolate assim como dariam para um menino, mas o problema da mulher não, ela está de TPM e fazem umas gracinhas com a gente, sempre se escutam algumas coisas desnecessárias. PA1

Então, um homem está em um momento de estresse, irritação, tendo um momento de surto, não tem problema, ele está irritado, porque o trabalho é estressante, agora se é uma mulher, o que eu já passei, porque eu realmente sou uma pessoa no limite, eu sou bem pavo curto, então é visto como uma pessoa com pouco equilíbrio emocional, muito emotiva, é uma fraqueza, ela não sabe lidar com a pressão. A questão da TPM é um ponto muito complicado, porque as pessoas gostam de usar e fazer piada. PA3

Não é de hoje que, por questões hormonais, biológicas, físicas, intelectuais, resultado de uma rede discursiva, construída culturalmente, que o corpo da mulher é colocado em suspeição, gerando determinadas atitudes, colocando-as em lugares de inferioridade. Para Foucault (2014), os discursos produzem comportamentos sociais os quais se constituem em uma espécie de ritual que pode se apresentar superficial e visível, impondo, aos indivíduos, determinadas regras e definindo “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso” (FOUCAULT, 2014, p. 37).

Nesse sentido, são construídas redes discursivas que buscam conformar comportamentos e “papéis” preestabelecidos às mulheres. Nesse contexto, as

---

desculpas para uma suposta inferioridade do feminino são diversas e, na maioria das vezes, passam despercebidas pela sociedade como um todo, por fazerem parte das estruturas discursivas e estarem permeadas de relações de poder-saber. Portanto, precisamos buscar compreender o seu contexto histórico cultural, a fim de romper com os discursos estabelecidos, que permeiam as relações sociais, determinando verdades e subjetivando os sujeitos e que podem deixar marcas de gênero, por meio de violências produzidas contra as feminilidades.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A intenção desse estudo não foi esgotar a temática acerca das marcas de gênero enquanto discriminações, preconceitos e/ou violências (re)produzidas contra a mulher, a partir das narrativas de mulheres que realizam pesquisas no Continente Antártico, assim como não pretendemos produzir “verdades”. Entretanto, esperamos ter conseguido realizar a nossa proposta de empreender uma reflexão sobre as redes discursivas referentes à presença das mulheres em ambientes majoritariamente masculinos e termos destacado as marcas de gênero presentes nesses ambientes, como o preconceito, a discriminação e as diversas formas de violências, especialmente, a partir das enunciações analisadas, ou seja: “Um olhar que invade, uma moeda de troca” e “Um espaço diferente, mesmas construções culturais”.

Assim, ressaltamos a necessidade de visibilizar as experiências dessas mulheres cientistas, com o intuito de se contribuir para o reconhecimento das situações narradas e o possível adensamento de ações que possam reduzir a ocorrência das experiências vivenciadas, tais como preconceitos e/ou discriminações, no exercício do fazer científico.

Nesse viés, ressaltamos que as relações de gênero, a partir de uma rede discursiva culturalmente construída, em que as feminilidades carregam consigo o negativo, sendo permeada de assimetrias, contribuem para que as experiências estejam repletas de marcas de gênero carregadas de discriminações, preconceitos, que parecem “privilégios” ou “cuidados”, desnudando, desse modo, formas de violência. Nessa linha de pensamento, entendemos que a condição feminina resulta de uma construção histórica discursiva, não se caracterizando, portanto, como algo estático, mas, ao contrário, fluído e sem fixidez, sendo passível de transformação e exigindo, portanto, o nosso engajamento para que possamos promover mudanças na condição feminina, no fazer científico, bem como em outros espaços, por meio de práticas de resistência. Acreditamos que só assim as relações de poder possam se alterar.

---

## Gender marks in the narrative of women scientists in the Antarctic Continent: discrimination, prejudice and violence

### ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze on the cultural gender marks that permeate the narratives of women scientists who conduct their research and studies in the Antarctic Continent. The objective here is to enable the reflection and the availability of actions related to facing situations that hinder the insertion and/or permanence of women in the scientific field. The study was conducted from eight semi-structured interviews with women that developed researches in the Antarctic Continent. Through their narratives, it is possible to observe situations experienced by the researchers who carry gender marks, due to hierarchical power-knowledge relationships, analyzed from the enunciations “A look that invades, a currency of exchange” and “A different environmental, same cultural constructions”, which constitute themselves as various forms of violence.

**KEYWORDS:** Gender marks. Gender violence. Antarctic. Science.

# Marcas de gênero em as narrativas de mulheres científicas em el Continente Antártico: discriminações, preconceitos y violências

## RESUMEN

El objetivo del artículo es analizar las marcas culturales de género que atraviesan las narrativas de mujeres científicas que realizan sus investigaciones y estudios en el Continente Antártico. La intención es fomentar la reflexión y el posible fortalecimiento de acciones relacionadas con el afrontamiento de situaciones que dificultan la inserción y/o permanencia de las mujeres en el ámbito científico. El estudio se llevó a cabo mediante entrevistas semiestructuradas realizadas a ocho investigadoras que desarrollan sus estudios en el Continente Antártico. A través de las narrativas, se pueden observar situaciones vividas por las investigadoras que llevan consigo marcas de género debido a relaciones jerarquizadas de poder-saber, analizadas a partir de las enunciaciones "Una mirada que invade, una moneda de cambio" y "Un espacio diferente, mismas construcciones culturales", las cuales constituyen diversas formas de violencia.

**PALABRAS CLAVE:** Marcas de Género. Violencia de Género. Antártida. Ciencia.

## NOTAS

1 Coordenação responsável pelas questões relacionadas às pesquisas científicas sobre o mar e antártica, vinculada à Secretaria de Políticas e Programas de Pesquisa e Desenvolvimento do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações – MCTI.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 288, jan./abr., 2008.

BANDEIRA, Lourdes. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. IN: HOLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história**. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

---

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 12 nov. 2019.

KELLER, Evelyn Fox. **Reflexiones sobre Género y Ciencia**. Valência: Edicions Alfons el Magnànim Generalitat Valenciana, 1991.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 13-34, jul/dez, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” nas Ciências: Refletindo sobre gêneros e História das Ciências Naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 10, p. 345-368, 1998. Disponível em: <http://taurus.unicamp.br>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Por que os homens nunca ouvem e as mulheres não sabem estacionar?** Analisando a rede de discursos das neurociências quanto às questões de gênero em alguns artefatos culturais. 2008, Dissertação (Mestrado, em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; SILVA, Benícia Oliveira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Fabiane Ferreira da. Ciência. IN: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (orgs). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Editora UFGD. Dourados, MS. 2019. p. 109-111.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2.ed., 6 reimpressão, São Paulo: Contexto, 2019.

SARDENBERG, Cecília M.B. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. IN: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva (orgs). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**, Salvador: UFBA - NEIM, 2011. p. 17-32.

SARDENBERG, Cecília M.B. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? **X ENCONTRO DA REDOR - NEIM/UFBA** – Salvador. 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20Final%20Da%20Cr%C3%ADtica%20Feminista.pdf> Acesso em: 12 nov. 2019.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a Ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

---

SCHIEBINGER, Londa. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 269-281, jun., 2008.

VEIGA, Ana Maria; PEDRO, Joana Maria. Gênero. IN: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI Losandro Antonio (orgs). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Editora UFGD. Dourados, MS. 2019. p. 330-333.

**Recebido:** 19/06/2021

**Aprovado:** 21/03/2023

**DOI:** 10.3895/cgt.v16n47.14432

**Como citar:** ALMEIDA, Maria Rozana Rodrigues de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Marcas de gênero nas narrativas de mulheres cientistas no Continente Antártico: discriminações, preconceitos e violências. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 58-72, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpr.edu.br/cgt>.

Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

